

**Na era das Neutralizações Políticas das Massas
(das máquinas schmittianas às máquinas benjaminianas)**

João C. Galvão Jr.

Doutorando em Ciência Política pela UFF
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Bolsista da CAPES

A hipocrisia *do amor cristão* revela-se na *sociedade de cães*¹ onde os intelectuais fantasiam um “Reino de Deus”, do cristão obviamente, em que o mesmo está acima de toda justiça terrena, ou seja, na esfera da *imago* lacaniana o autoritarismo encarna-se como **estado de exceção**, politicamente no líder terrenal, teologicamente no Soberano transcendental; a quem a experiência de Deus é inteiramente da **ordem do discurso**, seja Cristo, seja Hitler, na pureza dos *significantes* relacionando-se entre si. É por intermédio deste complexo Cristão que se instaura no psiquismo as imagens religiosas que dão *forma* a toda *forma* de intolerâncias às vastas unidades territoriais da Europa fascista, identificação do outro como humano – de preferência branco e loiro – da mesma *forma* que acontece com a ideologia cristã à ideologia nazi-fascista – Ocidental hegeliana – **espiritual**. Pensamento da *representação ou da identidade*. Ou seja: **repete-se** a *imago* enquanto produto da imaginação. Assim, os intelectuais, catedráticos do **poder**, inspiram-se ao colocarem em ação sua torpe escrita, numa falsa bondade amorosa que provoca engulhos. Nesta circunstância, apenas o animal não seria um animal ou com Derrida, do “animal que logo sou”. Do ponto de vista da tradição pontificalista, **extermina-se** a *diferença* deleuziana e a *diferença* derridiana, grande ameaça para estes cristãos e seus estratégicos estudos de dominação das massas, simbolicamente representados pela fantasmagoria satânica do *espaço da diferença*. Este amor missionário clama em nome da Lei, do Pai – God Dog – de uma ciência solene e sacerdotal da filosofia política, sustentando o mesmo discurso do pensamento da imagem. Não estou querendo dizer – mas isto não seria impossível – que a comunidade acadêmica é uma Igreja. Existem os intelectuais da *potência*, existem

¹ Ver o filme Dogville.

os intelectuais do *poder*. Aqueles vinculados a Vida Viva, estes, a Vida Morta – e a diferença entre moral e ética encontra-se aí. Me ruborizo aqui de agitar esses trapos com os quais os imbecis ficam brincando estrategicamente há tanto tempo de **bem** e **mal**. O bem supremo só pode ser reencontrado no nível da Lei e *sua* suspensão, espécie de sadismo anal – esfíncter anal do poder. Nada mais maravilhoso do que ver uma geração inteira de intelectuais gravitar na órbita do **Soberano** e ingressar vivos na **confraria** dos imbecis; glorifica-se a parte maldita ao mesmo tempo que se coloca o cu na pia de água benta. Que *prova* da imbecilidade geral!

No **discurso** calado da subjetividade *do* intelectual (dos que amam as sombras *do* poder) a **inflexão transcendental** está fortemente presente, principalmente nos “críticos” – seus sentimentos. A **Razão Suprema** (História) ao tentar a todo custo provar seu discurso oficial (dialética da cultura – hegeliana) numa importância da prova tal, importância que chega a tal, que a própria prova trás indícios de “perfectibilidade” e “pureza” o que já seria uma prova rigorosa da prova, inserida num **niilismo metafísico**. Certas atitudes dos “cientistas” (teólogos *secularizados*), nesta história *oficial* como **Guardiões de Arquivos**,² constituem a própria prova da fidelidade ao *falo* oficial *representado* pelo Deus Cristão – Sagrado Soberano, principalmente quando se trata da *língua* (não só da linguagem referida a dimensão fonética como da língua das cruéis tarântulas que causam dor e febre). Tudo o que não é conforme ao seu **Espírito** não pode ser conforme à verdade.

Poderíamos nos envolver neste pequeno texto no discurso *que constrói* e mantém categorias metafísicas **da** história – *Razão*. Por trás dessa **vontade de verdade**, o anseio por um grande **inimigo**. Imagino o seu título: *Como não falar?* Por isso, para além do calar – *mais de uma língua* – a *desconstrução*³ torna-se importante, visto que por trás da mascarada da “ciência” o *transcendente secularizado*, aparentemente *retorna*, mas sem se deixar reconhecer. Querem primeiramente a prova disso? Mas o que seria *este* texto senão – *esta*

² DERRIDA, J. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*, p. 12.

³ “Se tivesse de arriscar, Deus me valha, uma única definição da *desconstrução*, breve, elíptica, econômica como uma palavra de ordem, diria sem frase: *mais de uma língua*”. DERRIDA, J. *Mémoires pour Paul de Man*, p. 38.

prova? Contudo, neste texto, a “prova” torna-se necessária, sob pena de sermos acusados de “retóricos”, castigados pela moralidade cristã. De fato, em meados de 2008, já era tempo de dizer *adeus*; e logo tive a *prova* disso. O grande intelectual, portador de uma transcendência escondida, na verdade um teólogo desesperado com seu destino, prostrou-se diante da cruz cristã, no mesmo momento em que seus amigos submeteram-se a suástica – **poder fascista**. Fui eu o único que com ele sofreu? Não importa, para mim esse evento iluminou como um raio o lugar que eu havia deixado e me incutiu o terror que sente todo aquele que inconscientemente passou por uma passagem tomista-agostiniana, por um projeto de dominação afetiva – **totalitarismo afetivo**. Triunfo da “reação” sobre a Vida Ativa, Vida Viva, e da negação sobre o pensamento afirmativo. Para *a* filosofia política as consequências são pesadas. É o momento que o “cientista” deixa de ser “cientista” e revela-se como conservador dos valores admitidos. Considera-se submetido às exigências da verdade, da razão, da história; mas sob estas exigências da razão, observamos muitas vezes forças que não são de forma alguma racionais. Tudo o mais é nimbo histórico. Para *esta* História há um só mandamento: seja *pura*! Então, apenas temos uma ilusão de crítica.

O essencial não muda, quer dizer, as avaliações de que dependem esses valores, velhos ou novos. Convidam-nos sempre a submeter-nos, a sobrecarregar-nos com um peso, a reconhecer apenas formas reativas da vida, as formas acusatórias do pensamento – ressentimento da *Sr.a. História*. Onde se inscreve a **fantasia** da suprema referência ao Pai onipotente, nenhuma pessoa sai impune, senão sob a máscara obrigatória do excomungado e do louco, do criminoso e daquele que perdeu os *sentidos* – *condição prévia da verdade* para os teólogos secularizados. Poderíamos perguntar: qual o sentido desta vida? Na nossa sociedade civil – burguesa por excelência – cravada numa **moralidade cristã secular** este significado seria a luta contra o **fascismo** e seu valor a ausência do mesmo, um absoluto *niilismo*. No entanto, estas coisas acima não se excluem, muito pelo contrário, estão intimamente ligadas e comprometidas como num casamento: **sociedade burguesa cristã secular**, por isto, **autoritária ou fascista**. No Brasil, pode parecer difícil acreditar-se nisto quando o interesse é apenas pela obra de Carl Schmitt, produto desenvolvido na “Fazenda Imperial”, inclusive com direito a premiação aos “schmittianos”. Quanto a esse aspecto

não devemos nos iludir. Tratados e Livros são para asnos. Parece-me imprescindível estudar Carl Schmitt (fazendo a crítica da crítica) e suas relações históricas com o **poder soberano**, quando comunga em favor do regime nacional-socialista. Toda tentativa de separar a produção teórica de sua produção ideológica revela nada mais que o **viés de pureza secularmente** escondido nestes “cientistas” ou teólogos que *amam o poder*.

Como separar o conceito **amigo-inimigo** da situação concreta dos grupos atingidos pelo líder Adolf Hitler? Este que por sua vez *sofre psiquicamente* com a **pureza agostiniana** e seu ódio aos judeus. Está na “Cidade de Deus”, assim como em “Minha Luta”! O “ódio é sagrado” no combate ao inimigo. Em torno deste viés de pureza, no combate ao inimigo, legitimam-se todos os assassinatos na cidade do Rio de Janeiro. Os tradicionalistas ruralistas – que até hoje possuem seus títulos eclesiásticos – precisam deste **estado de alarme** para manter o poder e suas cômodas vidas nas sombras desta lenda bíblica – **Leviatã** – que entrara num estado de profunda sonolência. Estas pessoas acreditam *fielmente*, escondendo-se diante de uma neutralidade científica, ter honrado uma coisa chamando-a de “alemã”. No Brasil, trata-se do cúmulo da estupidez e da arrogância oligárquica disfarçada com a máscara empresarial. Por outro lado, todo “resgate” e ao mesmo tempo desprezo por parte dos spinozistas e marxistas com relação ao pensamento schmittiano. Walter Benjamin também é *afetado* por este desprezo. Observamos uma tentativa do trabalho com Carl Schmitt sempre seguida de expressões: “irracionalista”, “sinistras figuras”, “coincidência dos opostos”, “forma bárbara que Schmitt propõe aos seus amigos”, “Schmitt, apesar da loucura de suas conclusões...”, isto somente para ficar com os negrianos. No outro lado, representantes *fiéis* de Spinoza tentam desesperadamente “dessacralizar a política”; na defesa de um “retorno” a um período que não acabou. Por isso a negação do termo “*secularização*”. Obviamente esta cômoda posição está cravada em posições “democráticas” e não “totalitárias”, como se os dois fenômenos não tivessem nenhum ponto de contato. Basta citar Trotsky, pois os extremos se tocam, para que esta posição se desmanche no ar: “De democrática revolucionária que era a burguesia, passa à reacionária, de jacobina transforma-se em fascista”. O fascismo, segundo Trotsky, não é mais do que a caricatura reacionária do jacobinismo,

na época do capitalismo em decadência.⁴ A pequena burguesia em 1933 vê-se mobilizada pelo capital financeiro, como um cão de briga contra a classe operária: espera assim vencer a crise que corrói o regime e leva à miséria, sair da situação desesperada em que se encontra, procurando destruir os fatores de *intensificação* da implacável luta que enche o século XIX e XX, travada entre a burguesia e o proletariado. Eis o fundamento do **fascismo**. Neste sentido, Spinoza teria sido o primeiro liberal em política a proclamar a autonomia do espaço interior da subjetividade, obviamente angustiado com a “potência”, que na “segunda natureza”, poderia transformar-se na barbárie dos atos fascistas. Como resultado, boa parte do pensamento de Carl Schmitt ataca o liberalismo individualista moderno. Schmitt empenhado em seu combate teológico contra Spinoza.

Difícil abstrair nossa temporalidade da de Carl Schmitt, um autor realista, diagnosticou nossa sociedade burguesa, que no seu excesso é autoritária ou fascista, isto porque, a dominação das massas permanece cravada no mesmo paradigma: a **exceção**. As formas de dominação no plano da subjetividade *para além* do capital como um “estado de exceção”, permanece não somente na *esfera econômica*, mas principalmente na **esfera sagrada**. Por isso, esta *decisão* adquire fundamento teológico e está vinculada àquele que *representa* a comunidade cristã na Terra. O líder não somente é o guardião da ordem política-jurídica, mas representa **simbolicamente o Guardião da Pureza da Fé**. O verdadeiro líder não é somente o “Soberano absolutista” ou “Ditador político”, isto porque nestas relações não estão presentes unicamente o *pensar* e o *agir*. O verdadeiro líder com **poder de decisão** é o Patriarca do Ocidente, levando em consideração uma política marcada pelo *sentir*, que secularizada na subjetividade das massas revela toda intensidade do **pathos** e sua dominação. Ao menos, no movimento da crítica da crítica, enxergar com Marcuse, que o Soberano é o agente através do qual os interesses divergentes das três hierarquias (indústria – partido – forças armadas) são coordenados e afirmados como interesses nacionais.⁵ O líder ou *führer* seria o mediador entre as forças rivais;

⁴ TROTSKY, L. *Revolução e Contra-Revolução*.

⁵ MARCUSE, H. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*, p. 116.

o *locus* da conciliação final em vez da soberania. Sua *decisão* pode ser autônoma mas ainda não seria livre, pois estaria ligada à filosofia e política dos grupos imperialistas dominantes. Esta harmonia, através de decisões autônomas, terá continuidade enquanto o sistema continuar a expandir-se. No caso de *falibilidade* do sagrado sacerdote ou estrategista perfeito, somente o *medo* de uns pelos outros daria continuidade a esta espécie de contrato hobbesiano. É importante lembrar que o medo no Estado hobbesiano não é o terror; o terror para Hobbes existe no “estado de natureza”. *Decisão*, livre ou não, tempos da imediatez não possuem elevado pensamento discursivo, próprio das “democracias parlamentares”, o qual revela ao homem todas as mediações, às quais, no fundo, ele próprio deve o seu ser. Ao invés, entregam-se a um pensamento intuitivo, em conformidade com o qual, o Estado hegeliano (família – sociedade civil – sociedade política) desaparece como uma mera ilusão diante da luz.

A derrota do nazi-fascismo não deteve a *sociedade industrial* ou “*segunda natureza*” de chegar no seu excesso: “Nem a Razão hegeliana, nem a Razão marxista se aproximaram da realização; nem o desenvolvimento do Espírito, nem o da Revolução tomaram a forma visada pela teoria dialética”;⁶ a teoria dialética, na prática, tomou a forma de *Apollyon* – do anjo exterminador (*Apocalypse, 9:11*); racionalizando o *complexo industrial-militar*, destruindo nossa capacidade de ver com clareza o que se encontra diante de nós e de imaginar o que fica para além. Numa atitude realista, poderíamos falar de um realismo político, Carl Schmitt chega a declarar que no dia em que Hitler subiu ao poder, Hegel, por assim dizer, morreu. Ou seja: no dia em que Hitler subiu ao poder o Estado como *razão* morreu. Carl Schmitt vai falar que enquanto a filosofia política do século XIX se baseou numa dicotomia entre o Estado e a sociedade, o Nacional-Socialismo substituiu esta dicotomia pelo Estado, Movimento e o Povo. E o Estado não seria a realidade política última: o Estado seria superado pelo “Movimento ou partido” e a sua liderança. Este líder – carismático – teria o poder de *decidir*. A tríade hegeliana desaparece e no seu lugar, na prática,

⁶ MARCUSE, H. *Razão e Revolução*, p. 370.

surge uma unidade totalizante que devora todo o pluralismo de direitos e princípios. O governo na prática é totalitário, as “democracias modernas” tornam-se “totalitarismos suaves”: portadores dos despojos da civilização burguesa, dos restos do otimismo da razão iluminista.

O estado de exceção não declarado e portanto permanente nas “democracias modernas” é a prova por si só que Hitler venceu, ou seja, que o Estado racional foi *sacrificado* em nome de um Estado irracional. Na era das neutralizações políticas das massas, o conflito político social é dissolvido por uma elite que tem o *poder* de decidir sobre a instauração do “Estado de Exceção” (*Ausnahmezustand*). Uma “permanente exceção”, que é a “regra” (Benjamin), pois que deste ponto de vista, do controle secular das massas, estas devem estar *vulneráveis* e *dóceis*, para que não venham a “instaurar o real [efetivo] estado de exceção” benjaminiano. A satisfação divinizante de dispor sobre o destino alheio.

As formas desta “segunda natureza” são variadas, **mas** sua essência é que todos esses Estados são em última instância uma ditadura da burguesia cravada no poder teológico-político, usando do Estado fundado na força (ou *violência mítica*) como instrumento de reprodutividade do capital. No recurso da *força* e da *fé* o **Estado** instrumento do capital *emerge* como uma grande **Igreja**. Nesta comunhão na Igreja a massa é dominada pelo líder ou salvador consagrado pela imposição de mãos. “Quem possui o poder soberano na cidade está obrigado, enquanto cristão, sempre que houver uma questão relativa aos mistérios da fé, a interpretar as Sagradas Escrituras através de eclesiásticos que tenham sido ordenados segundo a lei. E assim, nas cidades cristãs, o julgamento tanto dos assuntos espirituais quanto dos temporais compete à autoridade civil. E aquele homem ou conselho que tem o poder supremo é cabeça igualmente da cidade e da Igreja; pois uma Igreja é a mesma coisa que uma cidade cristã”.⁷ O Estado fez penetrar a sua moral no indivíduo. A Igreja é somente uma forma de Estado totalmente enganosa. O Estado, a Igreja e tudo o que se funda na mentira são úteis para aqueles que pregam a morte. *Pressuposto* do Estado até

⁷ HOBBS, T. *Do Cidadão*, p. 327.

agora: “o homem não deve se desenvolver, a medida está já aí!” A Igreja Católica, a mais antiga de todas as formas estatais na Europa, representa atualmente o melhor Estado antigo! O que é a “Igreja”? Uma espécie fundamentalmente enganosa de Estado. O que é o Estado? Uma espécie fundamentalmente enganosa de Igreja. A *hipocrisia do poder* a partir da vitória do Cristianismo. O “rei cristão” e o Estado. História do sentimento do poder. A pusilanimidade e a má-consciência da maioria dos príncipes inventaram o Estado e a fraseologia do *bien public*. Tudo aquilo que um homem *faz* a serviço do Estado é contrário à sua natureza... O Estado enquanto violência organizada é a verdade divina imutável. O Estado ou a imoralidade organizada... internamente: enquanto polícia, direito criminal, classes, comércio, família; externamente: enquanto vontade de poder, de guerra, de conquista, de vingança. Uns redigem as leis; outros as aplicam; outros ainda obrigam as pessoas à disciplina, quer dizer, à obediência irrefletida e passiva; outros se tornam instrumentos desta razão e matam seus semelhantes sem saber nem com que objetivo ou por que motivo. Vamos nos abster de afirmar que a violência organizada é a verdade divina imutável, e então se verá claramente: se é a violência ou a doutrina de Jesus. Por intermédio da obediência, do dever, do amor à pátria e ao príncipe.⁸ O que os bons burgueses (inclusive Hobbes) – **cristãos secularizados** – esquecem é que num determinado momento houve uma aliança entre o catolicismo e as monarquias, entendida como um processo natural,⁹ revelando um forte movimento contra-revolucionário e a consciência de que cada época exige uma *decisão*. Numa atualidade espiritual, esta posição expressa o pensamento da imposição que não admite mediações (*complexio oppositorum*) cujo rigorismo é sentido politicamente como uma ditadura do que como as conhecidas “democracias parlamentares”. Neste sentido, a **realidade é mitificada** e entendida como algo obscuro e informe que essencialmente lhe pertence, através da *Wille zur Dezsion* pertencente a esfera do sagrado e a sua racionalidade específica. Esta racionalidade específica da **política católica romana** ou a

⁸ NIETZSCHE, F. *Escritos sobre Política – A Pequena e a Grande Política*. p. 166.

⁹ BONALD, L.A. *Teoría del Poder Político y Religioso*. Madrid: Tecnos, 1988.

constituição de uma *complexio oppositorum*, marca a capacidade *sagrada* de agregar uma realidade em si mesma por oposições dispersas, como uma racionalidade institucional e jurídica hierárquica por assentar no desempenho rigoroso do **princípio da representação**. “... a Igreja tem aquele *pathos* da autoridade em toda a sua pureza. ... ela tem a força da representação. Ela representa a *civitas humana*, ela apresenta a cada instante a união histórica entre o devir humano e o sacrifício de Cristo na cruz, ela representa o próprio Cristo, pessoalmente, o Deus que se tornou homem na realidade histórica.”¹⁰ Nesta esfera, o reconhecido pensamento schmittiano: “Todos os conceitos expressivos da moderna doutrina de Estado são conceitos teológicos secularizados”,¹¹ expressa nada mais que o pensamento do medievo presente em nossa contemporaneidade, a tomar como exemplo o **“mal” secularizado no “inimigo”**. Neste sentido, Santo Agostinho, assim como Santo Tomás de Aquino nos são apresentados todos os dias como num self-service da **vida fascista burguesa** cravado numa **moralidade secular**.

Os senhores da moralidade, doutores angélicos ou profetas,¹² dotados de uma fértil capacidade de imaginar, conforme as narrativas da escritura abundantemente ensinam, dominam as massas através dos séculos na figura simbólica do supremo bem puro: Nosso Senhor Soberano. Por outro lado, esta dominação teológica-política é atravessada secularmente pela existência imaginária do **mal – inimigo secularizado**. Aquilo que possa impedir que compreendamos, uma coisa que deveria ser e não é, abre a possibilidade secular de dominação das massas através da política teologizada, impedindo uma tipologia dos modos de existência imanentes ou da **Ética Spinozista**, sendo substituída por aquela coisa oculta secular: a **Moral Tomista** relacionada com a existência de valores transcendentais. A impossibilidade por parte da “multidão” – massa, de desarticular o sistema de julgamento de Deus. Basta não compreender para moralizar, emergindo o mal *das* profundezas do

¹⁰ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*, p. 32.

¹¹ SCHMITT, C. *A Crise da Democracia Parlamentar*, p. 109.

¹² ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, p. 7.

bem na atualidade do espírito das massas. Basta não compreender para moralizar, um Deus monoteísta e sua impossibilidade de morte diante das massas. Só os espíritos livres das velhas crenças podem alegrar-se com a notícia “de que o ‘velho Deus está morto’”, declarava Nietzsche:

O maior acontecimento recente – o fato de que “Deus está morto”, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Ao menos para aqueles poucos cujo olhar, cuja *suspeita* no olhar é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, algum solparece ter se posto... (NIETZSCHE, F. A *Gaia Ciência*, § 343)

Pode-se dizer que este evento está distante e à margem das massas. O homem dócil: essa é a grande massa, uma diminuição do homem ao perfeito animal de rebanho. Mesmo com esta profética mensagem nietzschiana, de um sentimento por uma nova aurora, o “mar”, apesar de “aberto”, nunca esteve tão aberto. A aposta de Carl Schmitt: defender que Deus não pode nunca abandonar o mundo, sobretudo nas piores circunstâncias, encarnaria sempre uma força capaz de retardar o fim dos tempos e de *reprimir* a catástrofe e o espírito do mal. No fundo, uma tal posição, lhe outorgava a dimensão nuclear da **política missionária dualista** vivendo intensamente da *guerra*, sacrificando uma grande quantidade de talentos superiores no “altar da pátria”; uma filosofia da história antibenjaminiana, que se funda não na catástrofe do **tempo**, mas na sua **transfiguração**. De qualquer forma, após a morte do Deus cristão para alguns e de sua permanência para maioria, surge nesta imensidão oceânica uma seqüência fantástica de novas divindades, encarnadas na política moderna. Dois mil anos de aprendizado da cultura moral-cristã podem ser simplesmente derrubados? Em sua *universalidade* o cristianismo revela a solução imaginária da auto-alienação humana na forma do “mistério de Cristo”. Esse “mistério” implora a reconciliação das contradições que fizeram com que grupos se opusessem como “inimigos”. Portanto, a concepção que Nietzsche tem da *grande política* está vinculada a questão de como *esta* moralidade pode ser “superada”. Contudo, não parece restar dúvida de que uma efetiva genealogia deste par de conceitos schmittianos e uma rigorosa descrição das respectivas funções no

que à caracterização da política diz respeito, deva, necessariamente, remontar Nietzsche. O próprio Schmitt afirmou que sem o conceito de *grande política* de Nietzsche, seu *pathos*, seria incompreensível. O conceito do político, da grande política, no tempo, encontra a sua arena. Todavia, no entender de Carl Schmitt, Nietzsche não passou daqui.¹³ Apesar das divergências axiológicas entre ambos, torna-se nítido o vínculo entre poder sacerdotal e o domínio ideológico que uma casta exerce sobre as *massas*.

O grande segredo das monarquias absolutistas (e dos regimes “totalitários agostinianos seculares” – ditaduras fascistas no século XX), consistem em enganar os homens pela *superstição*, dissimulado, sob o nome de religião, o temor ao qual se quer acorrentá-los. De forma que a “**multidão**” para os inocentes, “**massa**” para os realistas, combatem por sua servidão como se fosse sua salvação. Milhões de pessoas secularmente ajuntadas e dominadas pelo poder transcendental da imaginação na criação e perpetuação do *medo/esperança* e *bem/mal*. Este poder da imaginação na figura do *mal* passa a dominar a esfera da subjetividade eclipsada das massas seculares, momento em que estas passam a ser politicamente dominadas por argumentos e imagens que usam os senhores da moralidade. Existe um desejo *excessivo* de submeter-se ao *líder* como guia espiritual e político na idéia inadequada de uma salvação contra a noção do “mal” afetada pela categoria kantiana *Einbildungskraft*; um aparente crepúsculo dos ídolos totalitários, diante de emoções articuladas *estrategicamente*. Na esfera da *teologia política*, estas imagens são muito bem trabalhadas na *dimensão imaginária* dos patriarcas cristãos. Esta *dimensão imaginária* é fundamentalmente uma *dimensão de guerra*, de rivalidade mortal, que se manifesta, sobretudo, por sua inércia. Alguns acreditam fielmente nesta dimensão ao desenvolverem suas fantasias, outros as produzem obsessivamente para obter um prazer sádico anal, seja na *submissão* do *outro* ou das massas, em ambos os casos, na produção de “realidade”. É assim que os dois maiores *símbolos* da destrutividade brutal (Átila, Rei dos Hunos e Gêngis Khan, Rei dos Mongóis) são **estrategicamente** direcionados na incorporação do “mal” *secularizado* por Santo Agostinho e Santo

¹³ BENTO, A. *Teologia e Mitologia Política: um Retrato de Carl Schmitt*, Disponível na internet: www.bocc.ubi.pt

Tomás de Aquino, nas épocas mais sombrias da Idade Média, quando as nuvens asiáticas haviam estendido sua rede de chumbo sobre a pura Europa. O *mal* penetra na carne da sociedade cristã, está em toda parte, sobretudo na forma do *inimigo* externo: o *estrangeiro asiático*. O que é então o *dionisiaco*? Por trás da máscara do deus da fertilidade se oculta um ser meio estrangeiro; um maravilhoso fenômeno que tem como nome Dioniso: o qual só é explicável por um *excesso de força*, o desmesurado, o selvagem, o asiático, uma *vontade de formidável* [Ungeheuer]. Estas *guerras*, estas *religiões*, as *morais* extremistas, esta é a grande comédia da impotência que se atribui a si mesma um ilusório sentimento de *poder*, que quer ser enfim sinônimo de *força*.

A sutileza da **definição do mal – inimigo secularizado** – está apoiada no **imaginário das massas**; características que não são objetivas, **mas** decorrem da ordem do **imaginário do cristão secularizado**. Ao medo da repressão religiosa, reside o medo contraposto: uma desmundanização total por meio da religião. Nisso reside o profundo instinto de que o cristianismo, em sua raiz, é hostil a toda cultura e portanto, encontra-se necessariamente vinculado a barbárie.¹⁴

A ascensão do **fascismo** e a **sociedade industrial** é uma prova evidente de que a barbárie introduzida pela destruição tem pouco em comum com a violência purificadora imaginada por Walter Benjamin.¹⁵ No momento em que as nuvens cinzentas obscurecem o céu, pregar uma “violência pura” seria uma forma de convivência com o poder fascista? Sem se dar conta, caem nesta armadilha, Negri e Löwy em suas respectivas reflexões. Mas este poder é tão transformável como a que aparece no caleidoscópio benjaminiano: com cada movimento, toda ordem se converte numa outra, os conceitos dos dominadores sempre foram o espelho no qual se refletiu a imagem de um poder, por isso, o caleidoscópio deve ser destruído, eliminando até mesmo os vestígios da destruição. Este “caráter destrutivo”¹⁶ benjaminiano na figura do *Angelus Novus*,

¹⁴ NIETZSCHE, F. *Sabedoria para Depois de Amanhã – Seleção dos Fragmentos Póstumos*, p. 16.

¹⁵ ROUANET, S. P. *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*, p. 53.

¹⁶ BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única*, p. 236.

recompondo as ruínas e acordando os mortos, tenta destruir o *continuum* da história. O fato é que, de qualquer maneira, o anjo benjaminiano revela os desastres do **mundo moral burguês secular no seu excesso: fascismo.**

A cadela que pariu Hitler está constantemente no cio, o parto pode ocorrer em diversos lugares do mundo. Um novo *Nomos*? A verdade desagradável é que a crise estrutural da “segunda natureza” em excesso não mostra nenhum sinal de se abater, pelo contrário, a crise se aprofunda com o passar do tempo trazendo a destrutividade em todas as esferas do domínio: a “produção destrutiva” sob a forma das *guerras* sem limites encontra “legitimidade” no *poder da imaginação* na figura política do *inimigo* – *mal* secularizado. Imaginário cristão. É preciso extinguir o modo cristão de tratar a política. Lacan é um bom cristão – o que o Pai ocultou, é isto que fala no filho. Continuação do cristianismo através da lacusona dimensão imaginária lacaniana. O reino celeste *bourgeois* apenas começou; no seio desta dimensão, se toque ainda a trombeta cristã. O aumento das **forças de produção** é a perigosa multiplicação das **forças de destruição**, não importando o quanto sejam devastadoras as conseqüências da imposição de um projeto fetichista de extermínio das massas e expansão incontrolável da “segunda natureza” em excesso. Para (des)controlar o **excesso naturalizado** da “segunda natureza” o instrumento político-jurídico de fundo teológico *estado de exceção* torna-se a *regra*. Desta forma, o **“Leviatã schmittiano”** torna-se uma leitura indispensável nesta “segunda natureza” em excesso. “O Leviatã assumiu uma aparência inumana ou subumana, o que levou a uma questão secundária que não precisa de resposta, ou seja, se a **condição inumana** e subumana observada representava um organismo ou mecanismo, um animal ou um aparato”.¹⁷ Se verdadeiramente existe neste *Leviatã schmittiano* uma arquitetura secreta, que tem sido objeto de tantas especulações, não está dedicado a algo irremediavelmente perdido. A *Teologia Política* de 1922 renova o conceito do **poder soberano** no pensamento schmittiano em seus níveis de significado contra-revolucionários: a *humanidade* é um navio carregado de uma tripulação amotinada, ordinária, recrutada à força, que berra e dança

¹⁷ SCHMITT. C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes*. Rio de Janeiro: NPL, 2009 (prelo).

até que a ira de Deus lance ao mar a gentalha rebelde, para que, novamente, prospere o silêncio. Ou seja: o Estado se afirma como *poder soberano* somente ao oprimir a **potência revolucionária**. Num quadro mitológico, um dos monstros, o “Estado” *Leviatã*, mantém sob controle constante o outro monstro, o *Behemoth*, o “povo revolucionário”, o leviatã seria o único corretivo para o behemoth.

O totalitarismo seria o opressor do caos incontrollável inerente ao ser humano, ou de maneira drástica, em nossas democracias: indisciplina *mais força policial*. Nesta leitura, o “leviatã schmittiano” revelaria o mais forte poder, cuja força onipotente manteria a *multidão spinozista* sob controle. Por outro lado, o significado *dessa imagem* parece estar limitado à utilidade do conceito: “sentido e fracasso de um símbolo político”. Numa leitura da *filosofia política*, a teoria do Estado *decisionista* aflora com maior intensidade a luz desta obra principal (*O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes*) conduzindo ao centro político dos pensamentos de Carl Schmitt; pensamento de um sentimento de onipotência, delírio do poder, de um único poder indivisível. Em relação a este monstro, perguntamos: o que Carl Schmitt enuncia acerca do seu *Leviatã* e que forma ele assume em nossa contemporaneidade? São estas posições que motivam pensadores alemães como Carl Schmitt – e porque Walter Benjamin tinha por ele grande respeito, e não escondia uma dívida que tinha para com ele, dívida que o próprio Schmitt não hesitava ocasionalmente em lembrar. Foi *Zur Kritik der Gewalt*,¹⁸ que valeu a Benjamin, logo após a publicação, uma carta de felicitações do Jurista e Cientista Político Católico, ainda constitucionalista na época, mas do qual se conhecem a estranha conversão ao hitlerismo, em 1933, e a correspondência que manterá com Benjamin¹⁹ (rasurada e excomungada das *Obras Completas* de Benjamin por um Adorno receoso com a reputação e com o juízo da posteridade). No entanto, para além dos apontamentos no “dossiê esotérico” dos debates entre Carl Schmitt e Walter Benjamin sobre o *Estado de Exceção*; sobre a carta de Benjamin a Schmitt, que demonstra uma admiração pelo

¹⁸ BENJAMIN, W. *Crítica da Violência – Crítica do Poder*. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, p. 160.

¹⁹ DERRIDA, J. *Força de Lei*, p. 71.

teórico fascista ou se devemos apontar neste dossiê não a leitura benjaminiana da “Teologia Política”, mas a leitura schmittiana do ensaio “Crítica da Violência: Crítica do Poder”, o fato é que Schmitt afirma que seu livro sobre *Hobbes*,²⁰ havia sido concebido como uma resposta a Benjamin que passou despercebida – o “**Leviatã schmittiano**”. A relação entre Walter Benjamin e Carl Schmitt permanece ainda hoje obscura, constituindo uma permanente fonte de equívocos, no entanto, é nesse contexto que certas afinidades, entre Benjamin e Schmitt, parecem merecedoras de uma interrogação séria. Aos filósofos da política judeus cabe um papel importante nesse contexto. Devido à posição a que foram forçados, puderam adotar uma perspectiva intelectual *par excellence*, o que lhes permitiu realizar algumas das sínteses mais fundamentais na *Filosofia da História*, a começar por Herbert Marcuse.

Este pequeno texto não reivindica a autoridade protetora de qualquer ciência: “O objetivo da ciência é aniquilar o mundo. Todavia, seu efeito imediato acaba sendo o mesmo de pequenas doses de ópio: o aumento da afirmação do mundo. Sendo assim, em política nos encontramos atualmente nesse estágio.”²¹ Infelizmente, a ausência de crítica (crítica da crítica) tem existido nos últimos anos entre os grandes círculos dos “intelectuais”, dentro e fora da universidade – caso ciência signifique uma forma de conhecimento adequada ao assunto. Tudo indica que o destino que aguarda o criador, depois de ignorado, é infelizmente, segundo o ponto de vista, ser descoberto pelos não-criativos. Quando a *sabedoria* e a *sagacidade* se erguem, surgem grandes hipócritas. Quando a “nação” se encontra em confusão e desordem, surgem os patriotas. Lacan também tinha o *seu* Freud!

Os alemães educaram as crianças no sentido de considerarem um dever a **exterminação** dos judeus, adorar o líder, matar e morrer pela Pátria. Vemos repetidamente a história *retornar*, manifestando-se sob a forma do “tempo circular”, evocando um misticismo demoníaco de grupo nos discursos anteriores à guerra dos comícios nazistas de Nuremberg. Rudolf Hess proclamava: “Somos o Partido, o Partido é a Alemanha, Hitler é a Alemanha”, etc.

²⁰ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes*. Rio de Janeiro: NPL, 2009 (prelo)

²¹ NIETZSCHE, F. *Sabedoria para Depois de Amanhã*, p. 5.

“Somos cristãos na medida em que somos irmãos em Cristo. Estamos em Cristo e Cristo está em cada um de nós”. “Quase nunca o judeu casará com uma cristã, o inverso se dá entretanto entre o cristão e a judia. Os bastardos, apesar disso, só herdaram as qualidades do lado judeu, a parte mais nobre degenera completamente”.²² É o momento na esfera da **dimensão imaginária do cristão secularizado** que o poder teológico político determina o *inimigo*. É a “ética” pela qual os porcos permanecem fiéis e unidos ao orgulharem na fraternidade da destruição: a época belicista:

Isto é o cúmulo da cretinização (...) Para mim, vós deveis ser aqueles cujos olhos sempre buscam um inimigo – o *vosso* inimigo. E em muitos de vós se percebe o ódio desde o primeiro olhar”. (NIETZSCHE, F. *Escritos sobre Política – A Pequena e a Grande Política.*, p. 203).

Nietzsche já alertava: “Acabou a época da *Pequena Política*: já no século que se anuncia terá a luta pelo domínio da Terra – a obrigatoriedade da *Grande Política*”.²³ O que Carl Schmitt chamaria de *Nomos*?²⁴ Esta “cultura” – *barbárie*, permanece, *secularmente* neste novo milênio, os discursos nazistas e fascistas estão enraizados na consciência social de maneira assustadora.²⁵

Na verdade, não existe muita união entre “verdade” e “realidade” “social”; a verdade reside agora menos naquilo que as coisas são do que naquilo que não são. Ninguém pode agora começar a pensar, agir ou sentir senão a partir de sua própria alienação. Nossa alienação desce às raízes: **sociedade burguesa cristã**. Somos todos assassinos e prostitutas, seja qual for a cultura, sociedade, classe ou nação a que pertencemos e por mais que nos consideremos “normais” e “amadurecidos”. O que chamamos “normal” é produto da repressão. Poderemos fazer mais do que refletir a barbárie e decadência que nos rodeia e que existe dentro de nós? Poderemos

²² HITLER, A. *Minha Luta*, p. 213.

²³ NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*, § 208.

²⁴ SCHMITT, C. *El Nomos de la Tierra*. Buenos Aires: Struhart, 2005, p. 48.

²⁵ BIRMAN, J. *Mal-estar na Atualidade: a Psicanálise e as Novas formas de Subjetivação*, p. 291.

fazer mais do que cantar as nossas tristes e amargas canções de
desilusão e derrota?²⁶

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Crítica da Violência – Crítica do Poder*. Trad. Willi Bolle. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, São Paulo: USP, 1986.

_____. *Origem do Drama Trágico Alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

_____. *Passagens*. Trad. Irene Aron & Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: UFMG, 2006.

_____. *Rua de Mão Única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho & José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BENTO, Antonio. *Teologia e Mitologia Política: um Retrato de Carl Schmitt*, Disponível na internet: www.bocc.ubi.pt

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na Atualidade: a Psicanálise e as Novas formas de Subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BONALD, Louis-Ambroise. *Teoría del Poder Político y Religioso*. Trad. de Julián Morales. Madrid: Tecnos, 1988.

CHAUÍ, Marilena. “O retorno do teológico-político”. In: Sérgio Cardoso (Org.). *Retorno ao Republicanismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p. 93-133.

CORTES, Donoso. *Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo*. Buenos Aires: Americalee, 1943.

²⁶ LAING, R.D. *A Política da Experiência e a Ave-do-Paraíso*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 21.

DERRIDA, Jacques. *Força de Lei*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Mémoires pour Paul de Man*, Paris: Galillé, 1988.

ESPINOSA, Baruch. *Tratado Teológico-Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2005.

HOBBS, Thomas. *Do Cidadão*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LAING, R.D. *A Política da Experiência e a Ave-do-Paraíso*. Trad. de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1974.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: UNESP, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo, 1999.

_____. *Escritos sobre Política – A Pequena e a Grande Política*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola, 2007, vol. 2.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Sabedoria para Depois de Amanhã – Seleção dos Fragmentos Póstumos por Heinz Friedrich. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROMANO, Roberto. *Conservadorismo Romântico – Origem do Totalitarismo*, São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

SCHMITT, Carl. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Trad. de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998.

_____. *A Crise da Democracia Parlamentar*. Trad. de Inês Lohbauer. São Paulo: Scritta, 1996.

_____. *El Nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005.

_____. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes*. Trad. Cristiana Pessoa & João C. Galvão Jr. Rio de Janeiro: NPL, 2009 (Prelo).

TROTSKY, Leon. *Revolução e Contra-Revolução*. Trad. Mário Pedrosa. CLB: Lisboa, (s/d)